

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.

A VIDA SACRAMENTAL NA IGREJA ORTODOXA

CARTILHA IV

A SANTA EUCARISTIA: O CORPO E O SANGUE DE CRISTO

O mistério da comunhão, da vida eterna e da unidade da Igreja

Formação teológica, litúrgica e pastoral para catequistas, professores, ministros e candidatos às ordens sagradas.
Edição formativa 2026 — material sujeito à revisão e aprovação eclesiástica.

Apresentação e finalidade

A Eucaristia é o coração da vida litúrgica ortodoxa. Não se trata de um simples símbolo recordativo ou de uma reunião de convivência: a Igreja reconhece no pão e no vinho eucarísticos a comunhão verdadeira com o Corpo e o Sangue do Senhor ressuscitado. O cristão não assiste a um espetáculo religioso; entra, em comunidade, na ação de graças dirigida ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

Esta cartilha pressupõe o conhecimento do Credo Niceno-Constantinopolitano e dos fundamentos dos Santos Mistérios. Seu objetivo é aprofundar os textos bíblicos, a tradição dos primeiros séculos, a linguagem da Divina Liturgia e a responsabilidade de quem preside, serve, ensina ou se aproxima da Santa Mesa. O conteúdo distingue ensinamentos centrais da fé, práticas tradicionais e aspectos disciplinares que exigem orientação da autoridade da Igreja.

1. Eucaristia: ação de graças e comunhão

O termo grego *eucharistía* significa ação de graças. A Igreja dá graças porque a criação, a vida, a redenção e o Reino são dons recebidos de Deus. Esse agradecimento alcança sua expressão culminante na oferta eucarística, na qual a comunidade se une a Cristo em seu louvor ao Pai.

Em 1 Coríntios 10,16–17, São Paulo associa o cálice e o pão à comunhão com o Sangue e o Corpo de Cristo e, em seguida, à unidade de muitos fiéis em um só corpo. A dimensão vertical — comunhão com Deus — é inseparável da dimensão horizontal — reconciliação e cuidado entre os irmãos. Não há

verdadeiro amor eucarístico se o necessitado é tratado com indiferença.

2. A Última Ceia e a instituição do Mistério

Os relatos de Mateus 26,26–29, Marcos 14,22–25 e Lucas 22,14–20 situam as palavras de Jesus no contexto de sua entrega: Ele toma o pão, dá graças, parte-o e o entrega; oferece também o cálice, referindo-o à nova aliança em seu sangue. A ordem «fazei isto em memória de mim» tem alcance litúrgico e existencial: a comunidade anuncia e participa da salvação recebida em Cristo.

A expressão «em memória» não deve ser entendida apenas como atividade mental de recordar um fato distante. Na celebração, a Igreja faz memorial da obra salvadora de Cristo e suplica a presença operante do Espírito Santo; recorda a Cruz e a Ressurreição não para repeti-las historicamente, mas para entrar sacramentalmente na sua eficácia.

3. O testemunho do Evangelho de João

João 6, especialmente os versículos 51–58, apresenta Jesus como o pão vivo descido do céu e relaciona o dom de sua carne e de seu sangue à vida eterna. A tradição ortodoxa lê esse discurso em diálogo com a Encarnação: aquele que alimenta a Igreja é o Verbo que se fez carne, assumindo verdadeiramente nossa humanidade.

Esse capítulo não deve ser isolado de todo o Evangelho, como se o Mistério dispensasse a fé e o discipulado. A mesma pessoa que participa da mesa eucarística é chamada a

permanecer na Palavra, a amar como Cristo amou e a servir concretamente ao próximo (João 13–15).

4. São Paulo: sacramento e responsabilidade

Em 1 Coríntios 11,17–34, o apóstolo denuncia a comunidade que transforma a reunião eucarística em ocasião de divisão: enquanto alguns se fartam, outros passam necessidade. Sua advertência sobre o discernimento do Corpo exige reverência para com os dons santos e também responsabilidade para com o corpo eclesial ferido pela desigualdade.

A expressão «examinar-se» não autoriza a criação de pânico religioso ou humilhação pública. Convida à consciência, à conversão sincera, à reconciliação e à participação responsável. A orientação pastoral deve ajudar o fiel a preparar-se de modo proporcionado e a superar impedimentos reais, sem impor regras arbitrárias nem excluir pessoas por motivos alheios à vida sacramental.

5. Presença real: o que a Igreja professa

A Igreja confessa que os dons oferecidos tornam-se verdadeiramente o Corpo e o Sangue de Cristo pela ação do Espírito Santo, no contexto da Divina Liturgia. A presença de Cristo não é uma metáfora reduzida à memória ou à emoção dos participantes. É dom objetivo de comunhão com o Senhor vivo.

A teologia ortodoxa evita transformar a realidade do Mistério em um mecanismo físico ou numa definição

filosófica obrigatória que pretenda esgotá-lo. Alguns autores empregam termos para falar da mudança dos dons; o centro da confissão, contudo, permanece a presença verdadeira e operante de Cristo, recebida na fé e celebrada na Igreja.

6. Anáfora, memorial e epiclese

A palavra *anáfora* indica a grande oração eucarística de oferta e ação de graças. Na tradição bizantina, a Igreja recorda a obra salvadora de Cristo e invoca o Espírito Santo sobre os dons e sobre a comunidade. A *epiclese* é essa súplica pela ação santificadora do Espírito, que não age separadamente do Pai e do Filho.

Não convém reduzir toda a consagração a uma competição entre «instante das palavras» e «instante da epiclese». A Divina Liturgia é uma ação integral, estruturada na oblação, na ação de graças, nas palavras do Senhor, no memorial e na invocação. O celebrante deve conhecer os textos litúrgicos oficiais de sua Igreja e observá-los sem improvisações doutrinárias.

7. Único sacrifício, presença sacramental

A Eucaristia está inseparavelmente ligada ao sacrifício único de Cristo, oferecido uma vez por todas (Hebreus 9–10). A Liturgia não é nova crucifixão nem multiplicação histórica do Calvário; é participação sacramental na obra salvadora do Cristo crucificado e ressuscitado.

A dimensão sacrificial não exclui o caráter de refeição pascal e antecipação do Banquete do Reino. O altar e a mesa

pertencem à mesma realidade. Toda linguagem sobre oferta precisa conservar o sentido de dom gratuito e evitar imaginar um Deus que precise ser convencido a amar a humanidade.

8. A Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia edifica a Igreja

A assembleia não é um grupo de espectadores diante da atividade exclusiva do sacerdote. Pela presidência litúrgica do bispo ou do presbítero autorizado, e pela participação orante de todos, manifesta-se a comunhão da Igreja. O diácono serve à ordem da celebração, anuncia súplicas e auxilia conforme as rubricas e competências de sua ordenação.

A unidade eucarística exige fé comum, disciplina, reconciliação e vínculo efetivo com a Igreja. Convites à hospitalidade não devem ser confundidos com autorização automática de intercomunhão entre comunidades que não compartilham plenamente a mesma fé e ordem eclesial. Questões de recepção e participação devem seguir a autoridade sinodal competente.

9. A testemunha de Santo Inácio de Antioquia

No início do século II, Santo Inácio de Antioquia vincula a Eucaristia à realidade da carne de Jesus Cristo e à comunhão eclesial. Em sua *Carta aos Esmirnenses*, sobretudo nos capítulos 6–8, manifesta preocupação com interpretações que negavam a verdadeira Encarnação e com a separação da comunidade em relação ao bispo.

Seu testemunho demonstra que o caráter realista e eclesial da Eucaristia não é acréscimo tardio. Ao mesmo tempo, é preciso ler suas palavras no contexto das controvérsias daquele período, sem aplicá-las mecanicamente a toda situação contemporânea.

10. São Justino Mártir e a liturgia antiga

Na *Primeira Apologia*, capítulos 65–67, São Justino descreve leituras, preces, apresentação dos dons, ação de graças, comunhão e auxílio aos necessitados. Ele distingue o alimento eucarístico do pão e da bebida comuns e insiste que a vida moral acompanha o acesso à mesa sagrada.

Essa descrição permite aos futuros ministros reconhecer continuidade essencial entre a oração dos primeiros cristãos e a Liturgia ortodoxa. Também impede a separação entre culto e caridade: a comunidade que celebra precisa cuidar de pessoas pobres, enfermas e abandonadas.

11. São Cirilo de Jerusalém e São João Crisóstomo

Nas catequeses mistagógicas, especialmente na quarta e na quinta, São Cirilo de Jerusalém orienta os neófitos a reconhecer na Eucaristia os dons do Corpo e do Sangue de Cristo, tratando da fé, da reverência e da ordem de comunhão. Sua catequese é feita depois da experiência sacramental, mostrando que o aprendizado continua ao longo da vida.

São João Crisóstomo, em suas homilias sobre 1 Coríntios e sobre o Evangelho, reúne elevada reverência e crítica severa

à indiferença diante dos pobres. O fiel não deve honrar Cristo na mesa santa e desprezá-lo na pessoa necessitada. O professor de Liturgia precisa formar tanto a consciência ritual quanto a consciência moral.

12. São Nicolau Cabásilas: vida em Cristo

Em *A Vida em Cristo* e em sua explicação da Divina Liturgia, São Nicolau Cabásilas apresenta os Santos Mistérios como participação efetiva na vida do Salvador. O Batismo introduz na vida nova, a Crisma sela o dom do Espírito e a Eucaristia alimenta e aprofunda a união com Cristo.

Essa perspectiva ajuda a evitar a visão fragmentada de sacramentos isolados. A iniciação cristã possui unidade interna, e a Eucaristia mantém a pessoa no dinamismo de conversão, comunhão e missão.

13. Preparação: jejum, oração e reconciliação

A preparação eucarística envolve oração, atenção à consciência, jejum segundo a disciplina eclesial e reconciliação. A Confissão deve ser valorizada como Santo Mistério de cura e restauração, sem afirmar que exista regra universal idêntica em todas as Igrejas quanto à frequência obrigatória antes de cada comunhão.

Orientações sobre jejum precisam considerar idade, gestação, enfermidades, medicamentos, transtornos alimentares e outras condições concretas. Um ministro não deve aconselhar a suspensão de tratamento médico nem impor práticas perigosas. A economia pastoral aplica a

disciplina com prudência, sob a responsabilidade de quem legitimamente governa a Igreja.

14. A participação dos recém-batizados e das crianças

Na tradição ortodoxa, Batismo, Crisma e primeira participação eucarística constituem uma unidade de iniciação, inclusive para crianças pequenas. A comunhão infantil não deve ser medida pela mesma capacidade intelectual exigida de um adulto: a graça é dom de Cristo e a comunidade assume o compromisso de educar progressivamente na fé.

Pais, padrinhos e catequistas têm a tarefa de apresentar o significado da mesa santa com reverência e sem assustar as crianças. O acompanhamento educativo deverá amadurecer em linguagem compatível com a idade e na participação gradual na oração comunitária.

15. Os enfermos, os idosos e a comunhão fora da igreja

Pessoas impossibilitadas de comparecer à Liturgia, por doença, deficiência ou fragilidade, não devem ser esquecidas. A assistência eucarística aos enfermos, quando prevista e autorizada pelas rubricas da Igreja, manifesta que a comunhão alcança todo o Corpo de Cristo. O responsável deve seguir as normas litúrgicas e materiais referentes à reserva, ao transporte e à administração dos Santos Dons.

A visita pastoral inclui escuta, oração, consentimento e cuidado com a privacidade. A comunhão jamais deve ser imposta a pessoa incapaz ou resistente; em situações clínicas

complexas, os ministros precisam respeitar as orientações de segurança e atuar em colaboração com os profissionais de saúde.

16. Higiene, reverência e proteção das pessoas

A reverência aos Santos Dons exige preparo dos ministros, limpeza dos utensílios e observância das rubricas. As medidas de prudência sanitária não são negação da fé. Quando surgem riscos ou necessidades especiais, os responsáveis devem buscar soluções autorizadas pela autoridade eclesiástica e compatíveis com o cuidado das pessoas.

Nenhum ministro deve usar a distribuição da comunhão para expor publicamente pecados, humilhar alguém ou obter obediência pessoal. Questões disciplinares devem ser tratadas com respeito, sigilo apropriado e possibilidade de orientação pela autoridade superior.

17. Eucaristia, justiça e vida social

A mesa de Cristo denuncia a discriminação, a exploração e a indiferença. A comunidade não pode celebrar a unidade sacramental e cultivar deliberadamente violência, corrupção ou desprezo aos pobres. Participar da Eucaristia é receber o dom da misericórdia e aceitar a responsabilidade de praticá-la.

No século XXI, esse testemunho inclui honestidade profissional, respeito às pessoas vulneráveis, responsabilidade ambiental, combate à desinformação e uso

ético das redes sociais. A Eucaristia não substitui o empenho pela justiça; ela oferece fundamento espiritual para esse empenho.

18. A dimensão escatológica: antecipação do Reino

Cada Divina Liturgia celebra a memória da obra salvadora de Cristo e antecipa a comunhão futura do Reino. A Igreja proclama a morte do Senhor até que Ele venha (1 Coríntios 11,26). A mesa santa é lugar de esperança, pois aponta para a plenitude de vida prometida na Ressurreição.

Essa esperança não convida à fuga do presente. A participação no Reino começa na prática da caridade, na perseverança nas provações e na construção de relações de reconciliação. A mesa eucarística educa a vida inteira para a presença de Cristo.

19. Formação de celebrantes e demais ministros

O bispo e o presbítero celebram a Divina Liturgia conforme sua ordenação, missão e autorização. O diácono e outros ministros servem segundo seus ofícios e as rubricas; os fiéis participam ativa e conscientemente. É inadequado improvisar fórmulas essenciais, atribuir poderes a objetos sem fundamento, introduzir gestos não autorizados ou confundir o ministério ordenado com qualquer função voluntária.

O candidato às ordens sagradas deve estudar as orações da anáfora, a disciplina da comunhão, o cuidado com os Santos Dons, a história litúrgica e a ética pastoral. Humildade,

estabilidade emocional, respeito à autoridade sinodal e disposição para corrigir erros são condições práticas tão importantes quanto a memorização dos ritos.

20. Unidade sacramental, economia e casos difíceis

A Eucaristia é sinal e realização da comunhão na mesma fé; por isso, questões de participação de cristãos de outras jurisdições ou tradições exigem discernimento e aplicação das normas vigentes. Economia pastoral não é autorização privada para ignorar os critérios eclesiais, nem tratamento desigual motivado por favoritismo.

A vida sacramental deve acolher pessoas arrependidas e feridas sem criar falsas promessas, exclusões arbitrárias ou barganhas financeiras. Quem atravessa situação matrimonial complexa, suspensão de comunhão ou reconciliação recente necessita de orientação cuidadosa, documentada quando apropriado, e conforme a disciplina da Igreja.

Cinco estudos de caso pastoral

Caso 1 — Um fiel há muitos anos afastado deseja comungar imediatamente. O ministro acolhe sem julgamento, esclarece a necessidade de reconciliação e encaminha ao sacerdote responsável; não promete acesso automático nem usa a situação para constranger.

Caso 2 — Uma pessoa com diabetes questiona o jejum pré-comunhão. O orientador não altera medicação nem estimula risco de hipoglicemia; recomenda

acompanhamento médico e definição de prática proporcional pela autoridade pastoral.

Caso 3 — Uma família pede que criança recém-batizada só comungue quando «entender tudo». O catequista explica a unidade ortodoxa de Batismo, Crisma e Eucaristia e propõe acompanhamento pedagógico familiar.

Caso 4 — Um diácono recebe pedido para celebrar sozinho a Eucaristia. Ele esclarece os limites da própria ordem, evita simular celebração sacerdotal e solicita ao bispo ou presbítero autorizado a adequada assistência.

Caso 5 — Um visitante de outra tradição deseja receber a comunhão. A acolhida fraterna vem acompanhada de explicação sobre a comunhão eclesial e as normas da Igreja, sem exposição pública nem hostilidade.

Dez questões para estudo e avaliação

1. O que significa Eucaristia? Ação de graças e participação sacramental na comunhão com Cristo.

2. Onde se fundamenta biblicamente? Nos relatos da Ceia, em João 6 e em 1 Coríntios 10–11, entre outros textos.

3. A presença de Cristo é apenas simbólica? Não; a Igreja professa a presença verdadeira de seu Corpo e Sangue.

4. A Liturgia repete historicamente o sacrifício da Cruz? Não; participa sacramentalmente da única obra salvadora de Cristo.

5. O que é a epiclese? A invocação do Espírito Santo na oração eucarística.

6. Por que a Eucaristia é eclesial? Porque comunica a união com Cristo e edifica a unidade dos fiéis em um Corpo.

7. Como se prepara o fiel? Com oração, conversão, disciplina proporcional, reconciliação e orientação pastoral.

8. A criança pequena pode comungar? Sim; na iniciação ortodoxa, após Batismo e Crisma, conforme a prática da Igreja.

9. O que a Eucaristia exige da vida moral? Caridade, justiça, reconciliação e cuidado com os vulneráveis.

10. Qual deve ser a atitude de um ministro diante de dúvidas? Respeitar rubricas, buscar orientação eclesiástica e agir com prudência e humildade.

Plano de cinco encontros de formação

Encontro I — Escritura e Ceia do Senhor: ler os relatos sinóticos da instituição e 1 Coríntios 10–11; discutir a relação entre comunhão e justiça.

Encontro II — Patrística: estudar trechos selecionados da *Primeira Apologia* de Justino e da *Carta aos Esmirnenses* de Inácio.

Encontro III — Liturgia: acompanhar, no texto oficial usado pela Igreja, a estrutura da anáfora e da epiclese; identificar respostas da assembleia.

Encontro IV — Vida pastoral: debater cinco estudos de caso, com atenção à economia, à saúde e aos limites do ministério.

Encontro V — Síntese e prática: preparar catequese breve que una presença real, participação comunitária e compromisso ético.

Oração final

Senhor Jesus Cristo, Pão vivo descido do céu, faze de nossa vida uma ação de graças. Ensina-nos a aproximar-nos dos teus Santos Mistérios com fé, humildade e amor. Que a comunhão contigo nos reconcilie com os irmãos, desperte em nós a misericórdia e nos torne servidores da verdade e da paz.

Concede aos bispos, presbíteros, diáconos, catequistas e a todos os fiéis discernimento e fidelidade. Que ninguém seja esquecido à tua Mesa por indiferença nossa e que jamais usemos teus dons para humilhar ou dominar. Fortalece-nos pelo teu Espírito Santo e conduz-nos à comunhão de teu Reino. Amém.

Referências bíblicas e patrísticas para aprofundamento

Escrituras: Mateus 26,26–29; Marcos 14,22–25; Lucas 22,14–20; João 6,22–59; Atos 2,42–47; 1 Coríntios 10,16–17; 11,17–34; Hebreus 9–10; Apocalipse 19,6–9.

Testemunhas antigas: *Didaché*, capítulos 9–10 e 14; Santo Inácio de Antioquia, *Carta aos Esmirnenses*, 6–8; São Justino Mártir, *Primeira Apologia*, 65–67.

Tradição patrística e litúrgica: São Cirilo de Jerusalém, *Catequeses Mistagógicas*, IV–V; São João Crisóstomo, homilias sobre 1 Coríntios e sobre o Evangelho de Mateus; São Nicolau Cabásilas, *A Vida em Cristo* e *Explicação da Divina Liturgia*; textos autorizados da Divina Liturgia de São João Crisóstomo.

Nota metodológica: as referências são indicações de estudo; as explicações desta cartilha são sínteses editoriais, não citações literais dos Santos Padres. A disciplina local, as rubricas e as condições de participação dependem da autoridade eclesiástica competente.

IGREJA APOSTÓLICA ORTODOXA DA AMÉRICA

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.

www.iaoa.com.br